

**CASA DE FAMÍLIA -
UMA REFLEXÃO POÉTICA SOBRE A VISITA DOMICILIAR E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO****Family House - A poetical reflection on the domiciliary visit and knowledge production**Maria Amélia Medeiros Mano¹**RESUMO**

A presente reflexão traz a visita domiciliar sob a perspectiva histórico-poética, na intenção não só de ressaltar a importância técnica e a abrangência de tal prática, mas, também, ampliar olhares e possibilidades dentro do contexto da Saúde da Família. A partir da revisão teórica de outros referenciais, entre eles, a arte, alguns trabalhos da área das Ciências Humanas, bem como experiências exitosas, foi resgatada a dimensão subjetiva. A inserção de outros referenciais pode ser uma possível estratégia de sensibilização de estudantes para a ação que não deve ser tratada somente como um meio, mas também como fim. A visita domiciliar deve se constituir como prática valiosa com produção de saberes e subjetividades e, cada vez mais, outras ciências e saberes podem ser incorporados como elementos na construção de um conhecimento sensível e transformador.

PALAVRAS-CHAVE: Visita Domiciliar. Saúde da Família. Atenção Primária à Saúde.

INTRODUÇÃO

Se entendermos que o domicílio é o próprio ambiente familiar e, conforme Nogueira e Fonseca (1977), é no ambiente familiar que se constroem, especialmente no aspecto afetivo, “o conjunto das mais poderosas forças” que influenciam na promoção, proteção e recuperação da saúde dos indivíduos, é legítimo reconhecermos nessa temática um aspecto a mais a ser considerado na abordagem da saúde do indivíduo e da família. As visitas domiciliares são reconhecidas como uma prática de inquestionável importância não só no descobri-

ABSTRACT

The present reflection sets the domiciliary visit under the historical-poetical perspective, intending not only to highlight the importance and reach of such practice, but also to broaden insights and possibilities within the context of Family Health. From the theoretical review of successful experiences, and other human sciences referentials, arts among them, the subjective dimension was rescued. The insertion of other referentials can be a possible strategy towards the motivation of students for actions that should not be treated only as a way, but also as an end in themselves. The domiciliary visit must become a valuable practice for the production of capacities and subjectivities, with increasing contributions from other sciences as elements to build sensitive and transforming knowledge.

KEY WORDS: Home Visit. Family Health. Primary Health Care.

mento como na abordagem de problemas, diagnóstico, busca ativa, prevenção de agravos e promoção da saúde. Embora a visita para fins de cuidado e conforto aos necessitados, muito associada ao assistencialismo, à caridade e à religião seja prática comum desde o fim do século XIX, a atenção profissional treinada e com objetivos claros e definidos aparece mais nos anos 70. Ou seja, pode ser considerada uma estratégia relativamente nova. Experiências apontam a visita domiciliar como estratégia relevante na prevenção de institucionalização de crianças, na abordagem de famílias de risco e multiproblemáticas, nos casos de violência, na pre-

¹ Maria Amélia Medeiros Mano, médica de Família e Comunidade. Mestre em Educação, Serviço de Saúde Comunitária - Grupo Hospitalar Conceição Sanitarista. E-mail: amelia.mano@ig.com.br

sença de adolescentes delinquentes ou usuários de drogas. Busca não só uma abordagem sistêmica como ecológica, tentando fazer uma conexão da família com os recursos da comunidade em que vive. Nesse sentido, Minuchin *et al.* (1999) reforçam a importância da prática. Fazem não só um histórico da mesma como também descrevem um rico relato de experiência a partir de um projeto com famílias urbanas de classes populares multiproblemáticas. Os autores ainda enfatizam que:

*Quando um profissional entra na casa de um cliente, tudo na estrutura sugere que o contexto é parte da intervenção. O bairro e os vizinhos são o terreno do cliente, e o ambiente maximiza a possibilidade de a família e de outros membros importantes da rede poderem se reunir. Além disso, o ato de ir até a casa do cliente sugere que o serviço está se expandindo. A aura de autoridade que caracteriza um ambiente oficial é silenciada, enquanto a realidade do ambiente em que a família vive é conhecida. (MINUCHIN *et al.*, 1999, p. 189)*

Assim, entende-se que a abordagem é de essencial consideração por parte dos serviços de saúde e deve ser ampliada. Há diferenças conceituais e práticas entre visita domiciliar, assistência domiciliar e internação domiciliar. O termo mais correto seria atenção domiciliária (DUARTE; DIOGO, 2000), visto que este abrange a visita “pura e simples” e a assistência - foco da Atenção Primária em Saúde (APS) -. Há ainda a internação domiciliária, reservada a casos específicos. A internação domiciliar, como é mais conhecida, está se consolidando como estratégia não só na redução de custos hospitalares, mas na diminuição dos casos de infecção hospitalar e, especialmente, humanização da atenção. Em 2008, o Ministério da Saúde aprovou a portaria que regulamenta a internação domiciliar o que incentiva sua implantação. Tais serviços necessitam de recursos e tecnologias que dependem do suporte de um serviço terciário, o que justifica, para muitos pesquisadores, não considerar a internação domiciliar como parte da prática da APS, embora agregue muitos elementos da mesma. Tal qual Duarte e Diogo (2000), utilizarei o termo visita domiciliar para o que diz respeito à atenção domiciliária. Visita domiciliar ou simplesmente “VD” é o termo mais conhecido na prática da APS, espaço onde se concentra a maior parte dos estudos e referências sobre o assunto. Nesse nível de atenção, a VD tem inúmeras funções e caráter interdisciplinar. O custo (tempo), a disponibilidade e a resistência dos profissionais em praticá-la são os maiores problemas. No entanto, o treinamento para fazer uma visita domiciliar não é difícil e pode diluir tais problemas.

O presente texto pretende estimular outras possibilidades e potencialidades da visita domiciliar para além dos fins para os quais histórica e culturalmente foi desenvolvida. Entende-se que a própria experiência de “visitar” é, por vezes, deixada em terceiro plano. Há a possibilidade da produção de conhecimento a partir da simples experiência de conhecer o espaço em que as pessoas “com-vivem”. A casa, o lugar vivido, transmite informações valiosas quanto à forma de viver, de dividir os espaços, de circular e respeitar limites de privacidade. A partir de outros referenciais e entendendo que essa é uma temática comum a muitas ciências, a ideia é valorizar a prática em si como possível campo de reflexões e construção de novos saberes. Para isso, deve-se entender o domicílio como algo mais próximo, a dita “casa de família” que, apesar de ser feita de concreto, tem uma dimensão emocional e, portanto, abstrata. Carlos Paez Vilaró, arquiteto e artista plástico uruguaio criador da Casapueblo, chama a sua obra de “Escultura para viver”. De fato, vivemos em abrigos que fazem parte das nossas vidas na medida em que interagimos com o espaço, com os cheiros, com a forma de arrumar, com os lugares de brincar, comer e amar, com os pequenos esconderijos das crianças, os lugares proibidos, a poltrona do “chefe da família”, a cadeira de balanço do avô, o lugar sagrado dos santos e o lugar mágico dos temperos e sabores. Os quintais e pátios, palco de jogos, plantações de flores e hortas. É impossível enxergar um lar como um espaço sem ritos e sem mitos. A casa pode ser um grande templo onde as mais importantes e significativas cerimônias podem acontecer. Não à toa é que, em algumas famílias, se “abençoa a casa” e se trazem “santos”, plantas protetoras, incensos e velas.

Enfatizarei a casa e o entorno da família urbana de classes populares por ser a realidade com que a maioria dos profissionais que trabalham com Saúde da Família se depara. Essas famílias são o nosso maior desafio, dentro da estrutura de exclusão social em que vivemos. Uma exclusão que também se faz a partir do limite de espaço. Entende-se que, com a urbanização desenfreada e crescente, o mundo rural ficou cada vez mais esquecido pelos estudos e pelas políticas públicas, no entanto, Silva *et al.* (2007) analisaram 15 famílias de agricultores de baixa renda de uma cidade do interior de São Paulo e identificaram que as cercas entre as propriedades eram espaços de encontro e sociabilidade: extensões da própria casa. Ainda, havia um elevado número de crianças nas unidades domésticas e existiam vários cuidadores entre familiares e vizinhos; os ditos “padrinhos” e “madrinhas”. Há, pois, como na família urbana, a circulação de crianças, expressão utilizada por Fonseca (1995), para designar esse movimento das crianças entre

lares e “pais” substitutos, de acordo com as necessidades da família. Apesar das distâncias e dos muros, as casas têm livre acesso e há “puxadinhos”. Pode-se entender que, de forma geral, as características da família rural e urbana de baixa renda não são tão diversas. Isso nos faz suspeitar que as condições materiais de que a família dispõe podem ser muito mais relevantes do que o fato de viverem no campo ou na cidade.

OCINEMA NA COMPREENSÃO DAS DIMENSÕES DA CASA/LAR DA FAMÍLIA

Botton (2006) afirma que colocamos ao nosso redor formas materiais que nos comunicam aquilo de que precisamos interiormente, mas que estamos sempre correndo o risco de esquecer. Assim, recorremos a objetos, fotos, flores, algo que, em nós, construa o que chamamos de lar. Um lar é mais do que uma construção de tijolos que denominamos casa, é mais que um abrigo ou refúgio, é uma necessidade física e psicológica, um espaço que esteja em “harmonia com a nossa própria canção interior preferida” (BOTTON, 2006, p. 107). É um teto que nos protege da chuva e dos nossos medos, nossas vulnerabilidades menos palpáveis. São paredes que nos separam de um mundo a que, cada vez mais, nos opomos e do qual até fugimos. O lar é o mundo do homem. Um mundo que pode imprimir ilusões de estabilidade (BACHELARD, 1989), que pode revelar ou guardar segredos em esconderijos e gavetas. Bachelard (1989) fala da casa-ninho e da casa-concha: diferentes formas de se constituir um espaço próprio. Há diversas formas de casa e uma única forma de lar: aquele que abriga o descanso, o cansaço, o pensamento, a embriaguez, a raiva, a lembrança e o sonho de quem nele vive. Há indivíduos que têm uma casa e não têm um lar. Estes podem se distribuir nas diversas classes sociais visto que o lar em si ultrapassa o espaço. É uma construção onde a matéria principal é o afeto. Há, porém, os que têm um lar e não têm uma casa! Certamente é uma ideia de precariedade. Um lar que se constrói por sensação de pertença a um determinado espaço, seja ele qual for.

Há um clássico filme galego chamado: *La casa de mi abuela* - A casa de minha avó - que é considerado um dos raros filmes-documentários em que há o reconhecimento explícito de que a casa é uma personagem e se constitui em lar-vivo. É o retrato de uma idosa e sua neta, uma criança impulsiva e irreverente. Ambas convivem em uma modesta casa do povoado alicantino de San Vicente Del Raspeig. Partilham, além dos conflitos geracionais, uma mudança forçada da casa da avó, quando uma empresa compra todas

as antigas edificações da região para derrubá-las e construir uma usina nuclear. Traz o dilema do progresso, do “novo”, que invariavelmente “derruba” o antigo. Avó e neta assistem à destruição da casa em que mantinham uma relação com a “intimidade”: os pedaços de reboco, os desenhos na parede, “o que não funciona”, o lixo e a possibilidade de se ter o próprio espaço, o “ninho” com alma e aconchego que ultrapassa a precariedade do lugar. Sem seu “canto”, Marita se desfaz de parte de seus pertences (e memórias...) e vai morar com o filho e a nora em um apartamento. Há uma mudança na dinâmica familiar e os conflitos de espaço e privacidade se iniciam. A avó relata, com sentimento, o estranhamento da primeira noite fora da sua casa e a sensação de estar perdida. Mostra com nitidez que lar é diferente de casa: lar se constrói com sentimento de pertença. A situação mostrada no filme é muito frequente no cotidiano das nossas famílias e aponta para uma sensibilidade apurada dos profissionais que, muitas vezes, são consultados para administrar sintomas e conflitos familiares.

A CASA DA FAMÍLIA NA LITERATURA

Também a literatura nos dá um testemunho de que o lar pode ser parte da história de vida de famílias e seus ciclos. Um exemplo é o livro *Cem Anos de Solidão*, *Cien Años de Soledad* no título original, cujo autor é o colombiano Gabriel García Márquez, Prêmio Nobel de Literatura em 1982. É considerada uma das obras mais importantes da literatura Latino-Americana e a segunda mais importante de toda a literatura hispânica, ficando apenas atrás de *Dom Quixote de la Mancha*. García Márquez, inicialmente, intitulou o livro de “A Casa”, pois toda a trajetória de uma estirpe de solitários, a família Buendía, se passava em uma única casa. Estudiosos da obra chegam a fazer a árvore genealógica dos Buendía e relacionar histórias, previsões e acontecimentos. Algo que a complexidade do gênero da literatura fantástica nos impede de aprofundar, mas se presta para penetrarmos um pouco no universo de dinâmicas familiares e padrões que se constituem em crenças, “sinas” ou “missões”. Esses padrões não estão presentes somente no fantástico mundo de García Márquez, mas em muitas famílias reais. A literatura, como arte e imitação da vida, nos dá generosas oportunidades de aprender, basta apurar o olhar. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1997)

Outro bom exemplo é o clássico de Maria José Dupré (1983), *Éramos Seis*, que foi publicado nos anos 50, mas atravessa gerações. O dia-a-dia de Seu Júlio, Dona Lola e seus filhos, com as alegrias, tristezas, problemas e soluções de uma família paulistana do início do século XX, emociona

porque poderia ser a história da vida e da família de cada um: a briga entre irmãos, a proteção dos pais, os valores passados por eles, a saída de casa e as perdas inevitáveis. A história inicia com o simples (e sempre atual) sonho da casa própria, a quota de sacrifício de cada um para o financiamento e o pagamento das prestações, a “crise de nervos” do patriarca, com pavor de perder a casa. Dona Lola ressignifica os rituais de família, conforme o ciclo se modifica e o ninho se esvazia. Lembra que, em todos os anos, recebia do interior, onde moravam seus parentes, um grande pacote com “seis” latas de goiabas em calda, “seis” tijolos de pessegada e “seis” caixinhas de figos cristalizados. No último aniversário que descreve no livro, ela recebe um pacotinho onde havia “uma” lata de goiabas, “um” tijolo de pessegada e “uma” caixinha de figos cristalizados, apenas. Mais do que leitura obrigatória na vida escolar, algumas obras devem ser leitura obrigatória para profissionais de Saúde da Família. Isto porque há uma demonstração simples e bela dos ciclos familiares. Percebemos que existem muitas donas Lolas e seus Júlios, pessoas comuns muito próximas de nós. Alguns lugares e algumas casas que entramos se tornam sagradas pelo significado e pelas vivências que assistem. Mais do que igrejas, as casas das famílias podem se tornar verdadeiros templos onde há rituais de vida, morte e passagens.

As crônicas de Raquel de Queiroz (1999; 2001) trazem contribuições valiosas. Entre elas, saliento *A casa do Morro Branco* em que a autora conta a saga de uma família em uma casa. A crônica tem como subtítulos: *O Avô, O Filho e O Neto*. Portanto, descreve a trajetória onde o único elemento imutável é a casa que vira mito, mas nem por isso deixa de ter uma relação íntima com a vida vivida da família:

A casa é branca, posta no alto do morro. Fica a muitas léguas do sertão, num desses ricos estados do Brasil adentro, nos quais a vida seria um sonho se não fossem as distâncias e as doenças. Contudo, até esses males se remedeiam; porque as distâncias não importam a quem não quer sair de onde está; e as doenças, o corpo se acostuma com elas ou, como se diz agora, vacina (QUEIROZ, 1999, P. 30)

Em 1947, Raquel de Queiroz escreve a crônica: *Um Alpendre, Uma Rede, Um Açude* em que fala do “chão” em uma terra seca e íngreme: “O chão não se acaba - e afinal de contas só do chão precisa o homem, para sobre ele andar enquanto vivo e no seu seio repousar depois de morto” (QUEIROZ, 2001, p. 53). Um ano depois, escreve *Cemitério de Família*, onde relata o enterro de um ente querido. Nas palavras da escritora, a relação entre a vida, a morte, a

família, os conflitos e a terra vivida que também abriga o corpo morto. Sobre essa questão, na poesia, João Cabral de Melo Neto (2000) traduz a “busca pelo chão”, com o poema social “Morte e Vida Severina”. Descreve o drama de muitas famílias nordestinas que precisaram emigrar para sobreviver. Como se vê, a casa da família também traz referências da época e da cultura do lugar onde as pessoas vivem, bem como as lutas de um tempo e de uma sociedade. A casa é o pequeno retrato de um mundo a ser desvendado. Gilberto Freyre, no clássico *Casa-Grande e Senzala* e ainda, em *Sobrados e Mucambos*, traz a identidade nacional histórica a partir do cotidiano, da vida doméstica. Em um tempo (1930) em que só se escrevia sobre acontecimentos, Freyre (2006) utilizava diários, brinquedos, anúncios de jornal, e o que mais caísse nas mãos para narrar o dia-a-dia do Brasil colonial. Certamente que a casa da família foi não só uma grande inspiração como uma grande fornecedora de dados, histórias e costumes que contribuem para entender como a sociedade e a identidade brasileira se formaram e se formam. Não poderia ser diferente para os profissionais que desejam cuidar de famílias.

Porém, não há somente lutas e sofrimento. Saindo das realidades duras dos sertões e das buscas pelo território-casa não só como abrigo, mas subsistência, encontramos, nos poemas de Cora Coralina, um intenso amor ao cotidiano terno de sua vida de parteira e doceira de Goiás Velho. Várias poesias retratam a casa velha da ponte, próxima ao Rio Vermelho que, hoje, é o museu-casa de Cora Coralina. Uma crônica, em especial, fala da relação da poetisa com seu “ninho”, ambos marcados pelo tempo. Cora Coralina (1996) pergunta à casa e... pergunta a si mesma:

Casa velha da ponte...

Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.

Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras da velhice. Desde quando ficaste assim?

(...)

Neste meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e eu me fiz ao largo da vida. (...)

CASA VELHA DA PONTE, és para o meu cântico ancestral uma bênção madrinha do passado. (CORALINA, 1996, p.7-12).

Cora fala de uma casa com vida. Uma vida que é dada pelo coração que pulsa: a pequena bica d’água que chama

de anciã, “cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha de aroeira” (CORALINA, 1996, p. 12). Este coração-abrigo é copo de água para a “sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens da sua própria vida” (CORALINA, 1996, p. 12). Assim, há uma linda relação desse espaço com o tempo de vida da poetisa. Um tempo que transporta para a fonte e seus significados que vão além do concreto, mas da água como vida em movimento. A bela realidade de Cora Coralina nos dias de hoje é muito rara. Voltando às famílias urbanas de classes populares, é comum que sequer tenham referência de uma casa de infância, visto que há uma grande mobilidade dentro da perspectiva das migrações internas, dadas por invasões, desapropriações e reassentamentos.

Sérgio Porto, em crônicas pouco conhecidas e reunidas em um livro chamado “A Casa Demolido”, também fala da casa de sua infância, das memórias do concreto que se tornam alma e saudade da casa que precisou deixar:

O quintal era grande, muito grande, e maior que ele os momentos vividos ali pelo menino que hoje olha essas fotos emocionado. Cada recanto lembrava um brinquedo, um episódio. Ah, poeta, perdoe o plágio, mas resistir quem há de? Gemia em cada canto uma tristeza, chorava em cada canto uma saudade. (PORTO, 2007, p. 21)

A “casa do menino” era quase uma pessoa, uma pessoa que gemia em um canto e chorava em outro: uma casa que sentia. De fato, a casa que sente é o lar que cada um guarda na memória e no coração. Sobre o lar, Clarice Lispector afirma que não há fórmulas para o lar embora algumas pessoas (ou famílias) criem “lares em conserva” (LISPECTOR, 2007), algo a ser apresentado às visitas, à sociedade e às opiniões de outros. Embora, de forma moderna, critique uma sociedade que construa lares enlatados, atribui a arquitetura da casa ao homem e a arquitetura do lar à mulher, o que chama “engenharia feminina”. Certamente, nos anos 50, quando Clarice escreveu esse texto, a participação do homem era de outra natureza, realmente mais provedora, menos participante. O papel do homem e da mulher mudou na sociedade e na família. Ambos arquitetam, juntos, a casa e o lar.

A MÚSICA E A IMAGEM NA COMPREENSÃO DO URBANO

Parte das ruas e dos bairros mais pobres de Porto Alegre não tem nome. Nedel (2004) afirma que, em Porto Alegre, há cerca de 2 mil ruas sem nome, o que representa cerca de 44 mil famílias com endereços invisíveis, sofrendo com

as perdas das correspondências de parentes, contas de luz e água que se extraviam, as dificuldades em fazer um crediário e os atrasos de ambulâncias solicitadas para quem tem uma crise de falta de ar ou dor no peito. Ainda, há as ruas “repetidas”. Nedel (2004) diz que há 130 ruas A em Porto Alegre, sendo que 27 estão no bairro Restinga; há 360 ruas 2, sendo que 47 são no bairro Mário Quintana, ambos muito pobres. Entende-se, com isso, que há diversas formas de exclusão desde o nome da rua em que se mora até os endereços que costumam ter mais de um número: o número que o DMAE - Departamento Municipal de Água e Esgoto define, o número que o próprio morador define ou o número que a Prefeitura Municipal define.

Falar dos espaços além da casa da família, ou seja, falar da rua e da cidade é uma necessidade se quisermos nos aprofundar na dinâmica das relações da família com o território em que interage - um dos atributos da APS. Entende-se que, pela precariedade do espaço doméstico, a rua e, por assim dizer, a cidade acaba sendo uma extensão da casa. As relações com a vizinhança e com a dinâmica da cidade acabam se transformando em uma extensão das relações familiares. A música Construção, de 1971, de Chico Buarque é a visão do caos urbano. Com a genial troca de palavras do compositor, há um sentimento de confusão do homem com a cidade e das sensações que também se trocam e se misturam. O homem que, morto, atrapalha o tráfego, o público e o sábado... A ideia do drama solitário e anônimo que significa pouco ou quase nada no contexto insensível do urbano em movimento. A canção de Lúcio Barbosa, Cidadão, imortalizada na voz de Zé Geraldo e depois, Zé Ramalho, completa essa ideia de caos. Ambas falam de uma realidade muito debatida nos anos 70 e início dos anos 80 com a urbanização desenfreada das grandes megalópoles brasileiras, o êxodo rural, a saída de milhões de retirantes do sertão nordestino buscando melhores condições nessas cidades e, despreparados e com baixa escolaridade, acabavam se submetendo ao árduo trabalho da construção civil. Em especial, as canções falam da desumanização de uma sociedade urbana que se moderniza, se industrializa, mas encontra muito pouco tempo e muito pouco espaço para o indivíduo. É um ontem que permanece hoje e a canção de Paulinho da Viola, Sinal Fechado, reforça a falta de tempo que a cidade impõe para o diálogo e para o investimento nas relações humanas. Mesmo com a tecnologia, tão próxima, diminuindo distâncias e facilitando a vida cotidiana, a urbe e sua dinâmica de progresso e produção, desafia o indivíduo e a família moderna, especialmente a família de classes populares.

Seria exaustivo abordar toda a representação de casa e lar nas diversas expressões das artes plásticas e mesmo assim,

haveria insuficiência frente ao complexo que a temática exige. Mais do que paisagens estranhas feitas por artistas renomados, gravuras, ideias de casa feitas pelos próprios moradores mostram muito mais. Crianças descrevem suas casas com riqueza de significados para além da interpretação psíquica. Nise da Silveira, psiquiatra que introduziu uma nova forma de cuidar da doença psíquica a partir da arte, descobriu, entre seus pacientes, o “artista”, Fernando Diniz. Fernando foi criado em ambientes pequenos, sujos e promíscuos, algo que desestruturou sua noção de espaço e seu ego. Sonhava com um lar seguro e aconchegante que nunca teve. No início, os desenhos de suas casas eram desorganizados e caóticos. Com o tempo e o tratamento, o paciente foi “organizando” sua casa de sonhos também no desenho. A infância e as relações familiares caóticas não conseguem constituir o lar que tanto precisamos. Há a necessidade de relações saudáveis para a constituição de espaços saudáveis. O resultado de uma relação de privações psíquicas pode ser uma sensação de caos. O “espaço de fora” traduz o “espaço de dentro”, como uma imagem em um espelho. Há a necessidade de construir ambos e Fernando Diniz o fez através da arte.

CICLO FAMILIAR E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO SOB A ÓTICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Conforme Braga (2007), o espaço mais imediato ao nosso redor é a nossa casa, a nossa matrix que, em grego, significa útero. É no útero materno, a “matriz”, que iniciamos a nossa morada. Uma “casa” que nos supre de todas as demandas básicas e necessárias à nossa existência, permite a geração das nossas possibilidades como seres humanos e refina nosso modo de ser que é único. A partir da gestação, se inicia um novo ciclo familiar e uma nova acomodação de espaços e lugares. Algo que não se faz somente internamente, revendo papéis e responsabilidades, gerando ansiedades, medos, contradições, expectativas e esperanças, mas na organização física do “ninho”. A família deve se organizar para receber o novo membro, construindo um lugar. Consegue-se, muitas vezes, somente um “canto” mais tranquilo, um colchão separado por cortinas. Na completa carência, os espaços são pouco negociados, até porque são escassos e valiosos. A gestação de uma criança é a criação de múltiplos ninhos e interações simultâneas: a casa-útero materno e as relações físicas e psíquicas na construção do ser humano e a casa-espaço familiar que, de diversas formas, saudáveis e doentias, dentro das possibilidades e das impossibilidades, organiza também seus espaços físicos e psíquicos para receber o novo membro.

Com o nascimento, as energias da família se direcionam para o belo e o novo. Sentimentos contraditórios surgem. No entanto, o choro que atravessa as cortinas e as meias-paredes, bem como a costumeira inexperiência da jovem mãe traz desconforto e oposições. A descrição feita é, talvez, a mais corriqueira dentro da realidade de famílias urbanas de classes populares. Não esquecer que em famílias com conformação de mais tempo, já estabelecidas e com outros filhos (muitas vezes de outras relações), o espaço do bebê já está, em parte, construído pelo irmão que o antecedeu. É o mesmo colchãozinho, a mesma caminha e as mesmas roupinhas gastas. Há um conflito inerente a toda família, independente da classe social, que é o das atenções serem direcionadas ao novo membro, gerando ciúmes e brigas por “colo”. Somado a isto, a pobreza traz um elemento a mais que é o aumento da aglomeração no espaço familiar. Os irmãos mais velhos, muitas vezes, precisam dividir a mesma cama ou saírem de seus “cantinhos” já construídos para dar lugar ao bebê que chega. As divisões precárias dos espaços da casa da família fazem o choro das madrugadas interferirem no sono de todos, no rendimento escolar e/ou no trabalho dos maiores.

No entanto, apesar de toda a realidade se direcionar para conflitos e brigas, a solidariedade das famílias de baixa renda é a prova de que há superação pelo amor e pela generosidade para com o outro. É extremamente comum encontrar crianças pequenas cuidando dos irmãozinhos menores, cedendo não só seus espaços e seus brinquedos, mas seus tempos de infância. Infelizmente, pela imaturidade desse cuidado e pela falta de condições dos pais em permanecerem em casa por necessidade do trabalho, é importante o número de acidentes domésticos. Muitas vezes, os acidentes domésticos são vistos como negligência, porém, é necessário um olhar mais aprofundado para a realidade da família envolvida. As creches comunitárias são uma opção para essas famílias, no entanto, nem sempre é fácil conseguir uma vaga e, ainda, nem sempre a instituição disponível no bairro é, de fato, mais segura e cuidadora que a família, mesmo que de forma precária. Assim, inicia o primeiro susto do ser humano que nasce em um espaço de sensações, silêncios e ruídos que desconhece. Ouvia o bater do coração da mãe envolto em macia água quente. Agora, precisa entender as novas sensações do novo ninho que pode se expandir para outros espaços e confluir com outros “tantos ninhos”. Um pouco dessa ideia de espaço precário é trazida pela antropóloga, Daniela Knauth:

As casas [da Vila Dique, na periferia de Porto Alegre] são muito próximas uma das outras e o próprio espaço interno

destas é bastante restrito. As casas têm em geral, apenas uma ou duas peças que funcionam simultaneamente como dormitório para cerca de quatro a cinco pessoas, como 'sala' para os dias em que não é possível permanecer na rua e como cozinha. As portas das casas permanecem sempre abertas e a entrada e saída de pessoas (vizinhos, crianças, parentes) e de animais (gatos e cachorros) é uma constante. (...). É bastante comum encontrar duas ou três casas em um mesmo terreno, estas pertencem a parentes que foram chegando e ocupando o pátio do morador mais antigo da família (KNAUTH, 1991, p. 16)

Entende-se que a precariedade do espaço familiar faz com que a rua seja uma extensão da casa e a vizinhança, uma extensão da família. Ao contrário do que se pode imaginar, essas relações de fronteiras tênues podem influenciar de forma positiva sendo, inclusive, a maneira mais eficaz e possível de cuidado e proteção. A descrição do cotidiano de famílias que vivem no Campo da Tuca, periferia de Porto Alegre, complementa a escrita sobre a Vila Dique:

O Campo da Tuca acorda tarde. O desemprego e o subemprego, os "bicos", devem responder por essa característica da vila. Também há uma indefinição de horários, as pessoas não têm hora certa para comer [também membros de uma família podem comer em horários diferentes ou comer no(a) vizinho(a)], também não têm muita variedade à mesa nas refeições. Fazer visitas domiciliares às 8:30, 9:00 horas, 'cedo da manhã', é contar com a possibilidade de acordar as pessoas, especialmente se a manhã for de segunda-feira. Em uma visita a uma família de risco, eu e a Simone, residente de serviço social, chegamos a acordar uma família inteira. Nesse período da manhã, é comum encontrarmos crianças comendo em panelas nos batentes das casas, também mulheres de camisola bocejando na frente das casas já iniciando uma conversa ruidosa com a vizinhança. No entanto, os bares abrem cedo. Homens já iniciam o dia com os "martelinhos" para diminuir os tremores e seguir o dia, onde outros martelinhos serão necessários para suportar. À tarde, o aspecto da vila muda. Uma quantidade importante de jovens, geralmente rapazes, se aglutina nas esquinas, algumas próximas a bares. Fumam, falam e riem alto, fazem piadas com "as meninas" e, não raro, com profissionais de saúde. Também perambulam pelos corredores da vila. As crianças também estão nas ruas, mais nas ruas de "dentro da vila", onde não há tráfego de veículos (nem poderia, pelo espaço...). (...) À noite, há uma outra vila. Mais trânsito masculino nos bares, menos trânsito feminino e de crianças. Há tempos de calma nos quais as crianças continuam nas ruas brincando. Essa questão das

crianças na rua é bem instigante, pois é dado que elas sempre saem para brincar, não brincam em casa. Quando há conflito na Tuca, a primeira coisa que se diz é que "as crianças nem podem sair prá rua". Por certo que as condições das casas, geralmente muito pequenas, com duas a três peças e um número de pessoas e crianças considerável habitando, seja o motivo da brincadeira ser sempre do lado de fora de casa. À tardinha, quando passamos por elas, nas ruas mais "escondidas", as tais ruas sem nomes, estão sempre animadas, aos grupos, brincando no chão com brinquedos doados ou achados, brinquedos que a imaginação permite a todas as crianças, não só as mais pobres: trapinhos, tampinhas, potes de margarina... (MANO, 2004, p. 166-167)

É fácil entender a relação simbiótica que a proximidade espacial estabelece, conferindo, inclusive, uma noção muito específica do que é "perto" ou "longe". O "perto" é a distância semelhante à do vizinho ao lado e tudo o que sai fora dessa relação é "longe". É costume que os cuidados sejam compartilhados, o que pode gerar conflitos. Ainda, é possível compreender a dificuldade de algumas pessoas saírem de áreas de risco, tal a relação íntima com o espaço, tal a rede de solidariedade que se instituiu. Fonseca (2000), pesquisando a Vila Cachorro Sentado, em Porto Alegre, afirma que, nesse local, como em qualquer outra periferia urbana, é muito difícil manter um espaço familiar privado. Há cerca de 700 ou 800 pessoas "amontoadas" em um terreno de 100 por 200 metros onde, muitas vezes, a entrada é única. Há um interconhecimento e uma interdependência funcional visto que as ligações de luz e água se confundem de forma clandestina. As correspondências acabam "rolando" de casa em casa. A economia urbana de subsistência e as redes de apoio bem como a intimidade social (FONSECA, 2000, p. 24) fabricam uma relação que, contraditoriamente, mais parece com a das cidades do interior, já que praticamente inexistente o proverbial anonimato das grandes cidades.

Somente um profissional atento e sensível consegue entender a complexidade dessa realidade. Realidade que, certamente, é melhor dimensionada se for visitada, no sentido literal da palavra. A descrição abaixo ajuda a "caminhar" um pouco e entender mais as vidas das famílias que vivem nesses espaços:

Primeira cena: chego na rua que é "porta de entrada" do cenário que compartilhei durante os dois anos do Programa de Residência Integrada em Saúde. (...) À direita: Rua D, à direita também está o famoso Campo da Tuca - onde os meninos estão jogando futebol. No muro da associação de

moradores temos a arquibancada do campo de futebol, ali os expectadores observam, interagem com os jogadores e com aqueles que estão só passando. O cheiro é inconfundível - o cigarro fumado anuncia o código daquele grupo.

Continuo caminhando, as crianças me param, acenam - coisas pra contar, a brincadeira na rua, a correria, os gritos e risadas.

Em meio a isto tudo, a música sempre presente, ou na Kombi que vende frutas, ou nas casas ou nos bares - os sons se misturam, se desconectam, às vezes algo conhecido, às vezes incompreensíveis. (LANÇANOVA, 2004, p.3)

Assim, há a necessidade de percorrer as ruas e as casas, percebendo imagens não ditas. Em casas pobres, não é força de expressão dizer: “compartilhar o mesmo teto”. As pessoas compartilham o mesmo teto, porque as divisórias das peças não vão até o telhado, mas até certa altura: meias-paredes. Meias paredes são “sinônimo de pobreza, de falta de privacidade, de sons que se escutam em uma única peça dividida: prazeres, choros de filhos, lamentos de velhos, brigas de casais, vida sob os mesmos sons, cheiros e dores, meia parede, meia vida”. (MANO, 2004, p. 172). Se abordar os acampamentos, teremos uma complexidade que não caberiam nessas páginas. Tampouco seria possível abranger com justiça merecida a problemática de pessoas em situação de rua ou vivendo em abrigos e albergues. O direito à moradia se confunde com o direito à saúde, à segurança e à dignidade. Projetos que coloquem a moradia, o lugar onde se vive, como dado fundamental para o planejamento de ações, ainda são raros, mas existem. Um deles é a Missão Barrio Adentro que acontece na Venezuela. A missão se baseia no conceito de saúde integral e busca transcender a abordagem, levando em conta os fatores socioculturais, o meio ambiente, o lazer, a educação, as organizações comunitárias em um microespaço de pouco mais de 1200 pessoas. Há uma valorização das relações pessoais e da Casa da Família. Na Colômbia, a prevenção da violência local trouxe a ideia do “caminho seguro”; um projeto educativo em que crianças escolares desenhavam seus trajetos de casa para a escola, mostrando as áreas de perigo. Um mapa era desenhado pelas próprias crianças que não só salientavam os pontos perigosos, mas as áreas de lazer, as casas e as ideias que tinham sobre a escola, a saúde e a família. De igual nome, mas abordagem diferente, o Projeto Caminho Seguro da Guatemala faz parte das ações de uma ONG que contacta voluntários para simplesmente levar crianças de suas casas até a escola. Não são crianças comuns, são filhos de famílias de catadores de lixo e o trajeto é repleto de perigos desde a violência até o trânsito. O projeto viabiliza que as famílias mantenham suas crianças na escola

enquanto os pais trabalham, proporcionando a manutenção do estudo. Uma das possibilidades de diminuir a exclusão nos países de terceiro mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal qual a casa em que moramos ou a rua em que transitamos, tudo o que fazemos tem uma consequência para além do que podemos ver e compreender. Conflitos religiosos na Índia e alagamentos no Níger levarão a novas correntes migratórias para a Europa, atingindo a economia mundial e a “nossa casa”, tão distante da África e da Ásia. Diferente do século XVI quando As Grandes Navegações impulsionavam a economia ibérica em uma tentativa de expansão, hoje e em um futuro próximo, os movimentos se darão pela fuga de condições insalubres de vida. A nossa casa-mundo está em perigo o que coloca em perigo a nossa pequena casa, já tão fragilizada pelo caos urbano. Fazer uma previsão, um prognóstico da doença social em que vivemos e situar a casa da família urbana de classes populares nesse contexto fica para os economistas e sociólogos. Para os profissionais que lidam com saúde, agora e a longo prazo, cada vez mais intimamente relacionada às condições de vida, restam as pequenas grandes intervenções que diminuem o sofrimento e dão esperança à vida. Nessa perspectiva é que, cada vez mais, devemos entender o espaço em que vivemos e as relações que estabelecem com a vida que levamos. Devemos tentar abraçar a casa-mundo em que estamos, abraçando os microespaços em que interagimos. No dia-a-dia, há múltiplas possibilidades de fazê-lo, especialmente no trabalho a que nos propomos, acompanhando as famílias em seus ciclos de vida, seus dilemas, suas “sinas”, suas crenças e suas dores. Nada mais legítimo do que compreender o pequeno mundo de cada indivíduo e de cada família, as histórias vividas e as diversas versões. Nada mais legítimo do que conhecer o território e entender as relações e conflitos, os suportes, os apoios, a rede. Nada mais legítimo do que ser profissionais que saiam de seus nichos e percorram as ruas e entrem nas casas como se elas fossem a moldura de um cenário que é o cerne da APS: a saúde da família.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 242p.
- BOTTON, A. **A Arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 272p.

- BRAGA, L. F. **O Prazer de ficar em casa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. 80p.
- CORALINA, C. **Estórias da casa velha da ponte**. 9. ed. São Paulo: Global, 2000. 110p.
- DUARTE, Y.A.O.; DIOGO, M.J.D. **Atendimento domiciliário: um enfoque gerontológico**. São Paulo: Atheneu, 2000. 634p.
- DUPRÉ, M. J. **Éramos seis**. 26. ed. São Paulo: Ática, 1983. 192p.
- FONSECA, C. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez, 1995. 152p.
- FONSECA, C. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. 245p.
- GARCIA MARQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1997. 394p.
- KNAUTH, D. R. **Os Caminhos da cura: sistema de representações e práticas sociais sobre doença e cura em uma vila de classes populares**. 1991. 187 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 1991.
- LANÇANOVA, V. **Os Sentidos do trabalho com o lixo: a dimensão invisível**. Porto Alegre: Centro de Saúde Escola Murialdo, 2004. Trabalho de conclusão da Residência Integrada em Saúde.
- LISPECTOR, C. **Correio feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 158p.
- MANO, M. A. **A Receita e a reza: saberes da Medicina Oficial e da Medicina Paralela Unidos na Busca da Humanização do Cuidado**. 2004. 428 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MELO NETO, J. C. **Morte e vida Severina e outros poemas para vozes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 176p.
- MINUCHIN, S.; MINUCHIN, P.; COLAPINO, J. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. 230p.
- NEDEL, João Carlos. 2,2 Mil Logradouros Sem Nome. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, 07 de fev. 2004, p. 4.
- NOGUEIRA, M. J.; FONSECA, R. M. G. S. A Visita domiciliar como método de assistência em Enfermagem da Família. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.11, n.1, p. 28-50, 1997.
- PORTO, S. **A Casa demolida**. Rio de Janeiro: Agir, 2007. 220p.
- QUEIROZ, R. **A Casa do morro branco**. São Paulo: Siciliano, 1999. 144p.
- QUEIROZ, R. **Um Alpendre, Uma Rede, Um Açude**. São Paulo: Siciliano, 2001. 415p.
- SILVA, M. A. M.; MELO, B. M.; APPOLINÁRIO, A. P. A Família tal qual é nos desenhos de crianças. **RURIS: Revista do Centro de Estudos Rurais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp**, Campinas, v.1,n.1, p. 20, 2007.

Submissão: junho de 2009

Aprovação: outubro de 2009
